

A supervisão em Psicologia como espaço de formação e de acolhimento

Érico Douglas Vieira¹
Universidade Federal de Jataí
Jataí-Brasil

Jéssica Rodrigues de Souza²
Universidade Federal de Jataí
Jataí-Brasil

Resumo: O plantão psicológico é uma forma de atendimento clínico que visa acolher a demanda do usuário/cliente no momento de mobilização, proposta geralmente inserida em instituições. Representa um tipo de intervenção que pode contribuir para reposicionar a Psicologia Clínica na direção de uma democratização do acesso da população a um serviço de promoção de saúde psicológica. A complexidade deste fazer clínico consiste em demandar dos plantonistas uma exigência em lidar com forças multifacetadas. Neste sentido, o presente trabalho teve como objetivo investigar as contribuições do espaço da supervisão para as práticas do plantão psicológico. Um instrumento de coleta de dados foi elaborado para investigar sobre reflexões importantes, fatos significativos e sentimentos que foram mobilizados durante as supervisões. Os registros de supervisão produzidos a partir dos relatos dos plantonistas foram objetos de análise a partir da Teoria Fundamentada nos Dados, metodologia de natureza qualitativa. Dois importantes eixos que emergiram da investigação foram as contribuições da supervisão para a formação e a supervisão como espaço acolhedor e solidário. A supervisão constituiu-se como um espaço de formação e orientação tanto técnica quanto teórica, fundamentando a prática clínica dos plantonistas, promovendo as potencialidades dos supervisionandos e contribuindo para o desenvolvimento profissional. O grupo de supervisão transcende os aspectos teóricos e técnicos de orientação, demandando um espaço de confiança e envolvimento afetivo. Neste sentido, demanda que o supervisor cuide das relações do grupo de supervisão, cultivando a coesão grupal.

Palavras-chave: Plantão psicológico. Supervisão. Psicologia Clínica.

Psychological supervision as a training and supportive place

Abstract: The psychological duty is a type of clinical practice that aims to receive the demand of the client at the time of mobilization, a proposal usually offered in institutions. It represents a type of intervention that can help to reposition Clinical Psychology towards a democratization of the population's access to a health promotion service. The complexity of this clinical practice consists of dealing with multifaceted forces. The present study aimed to investigate the contributions of the supervision to the practices of psychological duty. A data collection instrument was developed to investigate important reflections, significant facts and feelings that were mobilized during the supervisions. The records produced were analyzed by the Grounded Theory, a qualitative methodology. Two important aspects that emerged from the investigation were the contributions of supervision to training and the supervision as a supportive space. Supervision was constituted as a place for training and guidance, both technical and theoretical, underpinning the clinical practice, promoting the potential of students and contributing to professional development. The supervision group transcends the theoretical and technical aspects of guidance, demanding a context of

¹ Universidade Federal de Jataí - UFJ - e-mail: ericopsi@yahoo.com.br

² Universidade Federal de Jataí - UFJ - e-mail: jessicarodrigues.96@live.com

trust and affective involvement. In this sense, it demands that the supervisor take care of the relations of the group, cultivating group cohesion.

Keywords: Psychological duty. Supervision. Clinical psychology.

1. INTRODUÇÃO

A Psicologia, na sua vertente clínica de escuta do sofrimento dos sujeitos, vem sendo convocada a se afastar da influência inicial do modelo médico que propunha a ênfase no diagnóstico, no tratamento e no saber do médico sobre o paciente. Nos primórdios da clínica psicológica houve uma primeira e importante ruptura ao se deslocar o papel do paciente de mero objeto a ser examinado, para a ideia de um sujeito com sua história de adoecimento. Apesar deste deslocamento importante, a clínica psicológica ainda operava na perspectiva do segredo e atrelada aos padrões individualistas (MOREIRA; ROMAGNOLI; NEVES, 2007). O fazer clássico da clínica pode ser considerado historicamente como uma prática elitista e individualista (CAMPOS; DALTRO, 2015; LO BIANCO *et al.*, 1994).

A partir da década de 1980, com a formulação das políticas públicas no texto constitucional brasileiro, a Psicologia expandiu seu campo de atuação para outras áreas e a própria clínica psicológica se moveu na direção de uma democratização do acesso da população a um serviço de promoção de saúde psicológica. Apesar de ainda permanecer em espaços privados, a clínica psicológica se disseminou na área da saúde pública, no campo da saúde mental e nos serviços de assistência social (CAMPOS; DALTRO, 2015). Nesta vertente de ampliação, o plantão psicológico é uma modalidade de escuta clínica, geralmente inserida em instituições, que pode promover o acesso da população a um serviço psicológico de qualidade, fortalecendo a rede de saúde mental e de cuidados em promoção de saúde. O plantão psicológico pode ser uma via de articulação da clínica psicológica com as políticas públicas (VIEIRA; BORIS, 2012).

A singularidade desta forma de trabalho clínico refere-se à ideia de emergência psicológica (SCORSOLINI-COMIN, 2015). A mobilização do usuário/cliente em buscar uma escuta que possa desvelar a trama contida no sofrimento, coloca o plantonista com a demanda de estar aberto ao inesperado e com a necessidade de estabelecer uma conexão imediata com o outro (MAHFOUD, 2012). De forma geral, uma equipe de plantonistas permanece de prontidão em dias e horários predeterminados e divulgados, sem necessidade de agendamento. O plantonista busca acolher mais a experiência do usuário/cliente do que um problema ou sintoma (MAHFOUD, 2012). Algo que mobiliza o sujeito naquele momento pode ser expressado, pensado e repensado. Esta mobilização é um aspecto que pode potencializar o alcance desta modalidade de escuta (FURIGO *et al.*, 2008).

A equipe de extensão e pesquisa, constituída por um docente coordenador e estudantes do curso de Psicologia da Universidade Federal de Jataí - UFJ, realizou atendimentos do tipo plantão psicológico com os usuários de uma instituição denominada Nosso Lar – Casa de Apoio

em Jataí - GO. Trata-se de uma instituição sem fins lucrativos, fundada em 2008, que oferta alimentação, espaço para higienização pessoal e de lavanderia de roupas, além de representar uma espécie de centro de convivência. Em relação à alimentação, há a oferta de café da manhã e de almoço, de segunda à sábado. O público-alvo é constituído por pessoas em situação de vulnerabilidade social, tais como população com trajetória de rua, andarilhos, “trecheiros” (pessoas que percorrem várias cidades, sem lugar fixo) e trabalhadores de baixa renda (JATAÍ, 2008).

A complexidade deste fazer clínico consiste em demandar dos plantonistas uma exigência para lidar com forças multifacetadas. É necessário estabelecer uma conexão imediata com o usuário, estar aberto ao inesperado, avaliar e lidar com as normas da instituição, manejar a intensidade trazida pela mobilização, dentre outras ações requeridas (VIEIRA, 2019). Dada esta complexidade, buscou-se investigar a função das supervisões para a realização das práticas dos plantões psicológicos. Neste sentido, o objetivo deste artigo é relatar a investigação realizada sobre o significado do espaço das supervisões para os discentes participantes, buscando-se mapear a função do docente/supervisor e os impactos da relação entre os discentes.

Esta pesquisa foi realizada a partir da análise de relatos de supervisão, uma espécie de diário de campo no qual os participantes puderam registrar reflexões importantes, fatos significativos e sentimentos que foram mobilizados durante as supervisões. Além do objetivo exposto anteriormente, este artigo também teve por objetivo compreender os significados do espaço da supervisão para os discentes, como lugar de reflexão sobre as práticas, fundamentado nos vínculos estabelecidos no grupo.

A Universidade Federal de Jataí - UFJ - está presente desde o ano de 2015 nesta instituição, com projetos de extensão e pesquisa coordenados pelo docente que é um dos autores deste artigo. Este artigo, especificamente, é fruto de um projeto de pesquisa intitulado: “Possibilidades de intervenções clínicas com grupos marginalizados a partir do plantão psicológico fundamentado no Psicodrama”. O projeto foi aprovado no Comitê de Ética em Pesquisa (CAAE 83273618.5.0000.5083). Inserida neste projeto, a coautora deste artigo executou um plano de trabalho no Programa de Iniciação Científica da UFJ de agosto de 2017 a julho de 2018. Este artigo relata os achados provenientes desta investigação de iniciação científica, que buscou elucidar os significados e as experiências vividas no espaço de supervisão na ótica dos discentes/plantonistas.

A participação da equipe de extensão e pesquisa se dava em dois momentos. Havia a inserção na instituição para a realização dos plantões psicológicos, bem como a participação nas supervisões semanais realizadas no Serviço de Psicologia Aplicada. As supervisões foram realizadas com o objetivo de contribuir para o desenvolvimento da autonomia, da capacidade de conexão e empatia com o usuário/cliente e para a construção da singularidade do plantonista diante da diversidade de casos. Neste espaço, o supervisor buscou problematizar as atitudes dos estudantes/plantonistas e rever de modo crítico o manejo da escuta do sofrimento dos sujeitos.

O estudo da teoria e o incentivo ao desenvolvimento de atitudes pessoais e habilidades da escuta clínica também foram estimulados pelo supervisor.

Os participantes da extensão e pesquisa relatavam as escutas clínicas e as observações da instituição na supervisão semanal que tinha a duração de quatro horas. Nas supervisões, os plantonistas narravam suas dificuldades, seus êxitos e seus sentimentos suscitados na prática clínica na instituição. Além disso, eles participaram de forma ativa no grupo, refletindo sobre os relatos dos demais plantonistas, contribuindo para repensar e refletir sobre as atuações. Antes de cada supervisão, artigos e capítulos de livro eram enviados para todos os plantonistas como via para a discussão da teoria, alinhando os conceitos com a prática. Os estudos sobre os sofrimentos subjetivos que possuem relação com a desigualdade social foram muito úteis para a equipe do projeto. Os estudos contribuíram de alguma forma para lidar com a angústia da própria equipe em perceber de forma mais clara a imensa desigualdade social brasileira, as injustiças e opressões envolvidas neste processo.

O espaço das supervisões pretendeu representar um momento de reflexão, trocas de experiências e orientações. O Serviço de Psicologia Aplicada – SPA - representou um espaço importante de formação teórica, reflexão para as incursões institucionais e potentes trocas de experiências entre os membros da equipe. Através do espaço da supervisão no SPA, a ponte entre a instituição de ensino e a comunidade pôde ser realizada, estabelecendo um compromisso com os problemas do município e da realidade brasileira, promovendo a formação profissional dos futuros psicólogos. Os serviços escola representam um importante *locus* de formação e qualificação nos âmbitos teóricos e éticos para os futuros profissionais em Psicologia (OLIVEIRA, *et al.*, 2014). Tendo em vista que o público-alvo do projeto eram pessoas excluídas socialmente, as supervisões tinham como objetivo cobrir as lacunas da formação em Psicologia que geralmente enfatiza mais os processos individuais, privados e familiares (SILVA; CARVALHAES, 2016). Nesse sentido, a equipe entrou em contato com o estudo do conceito de sofrimento ético-político, que se refere à angústia provocada pelo desprezo da sociedade com as camadas populares, que são consideradas como inúteis, sem valor, sem possibilidades de participação nas trocas sociais (SAWAIA, 2011). Este conceito contribuiu para a compreensão dos discursos trazidos pelos usuários, atravessados pelos antagonismos de classe presentes na sociedade brasileira.

As supervisões clínicas possuem um duplo caráter: teórico/metodológico e de acolhimento das angústias. As discussões e reflexões devem considerar o aprendizado do fazer clínico, bem como as angústias que são despertadas nas narrações dos casos clínicos. A insegurança e a inexperience presentes neste estágio de formação profissional, associadas com a complexidade do fazer clínico, podem dificultar a exposição dos estudantes pelo receio de possíveis críticas severas quanto aos seus desempenhos. Este olhar ansioso para o próprio desempenho pode se traduzir em um medo de falhar diante dos outros estudantes e do supervisor (AGUIRRE *et al.*, 2000). O espaço da supervisão precisa, portanto, representar um espaço de confiança para que

estas ansiedades venham à tona e que o manejo destes afetos possa gerar crescimento e fortalecimento dos estudantes.

O supervisor deve realizar sua atuação tendo em mente a articulação de conceitos com a prática e também as experiências vividas pelos supervisionandos na prática clínica (SEI; PAIVA, 2011). A supervisão constitui-se como um espaço em que o supervisionando pode narrar e expressar os seus questionamentos e angústias, deixando-se afetar pela experiência. É um espaço no qual o supervisionando pode desenvolver sua singularidade para a futura atuação como psicólogo (o) (CARNEIRO; CALDAS; SAMPAIO, 2011). Na medida em que a supervisão se abre como um espaço que transcende as orientações técnicas e acolhe as experiências vividas, podem ser expressadas vivências de impotência, insegurança e a sensação de vulnerabilidade (FIGUEIREDO *et al*, 2007). As supervisões são espaços de interlocução nos quais as singularidades, dificuldades e potencialidades dos discentes podem emergir com maior intensidade, se comparado com outros espaços acadêmicos (AGUIRRE *et al.*, 2000). Torna-se necessário pensar no espaço da supervisão, na atuação do supervisor e no papel do grupo de supervisão como aspectos de suporte e amparo para a complexidade do fazer clínico, para além da oferta de orientações.

2. MÉTODO

O presente relato de pesquisa está circunscrito aos resultados da investigação do plano de trabalho de iniciação científica que teve como objetivo a pesquisa dos significados do espaço da supervisão para os discentes participantes. Esta pesquisa se insere no referencial epistemológico das pesquisas qualitativas em ciências sociais, que buscam a compreensão de casos particulares e não a formulação de leis generalizantes. O pesquisador tem como foco a apreensão dos significados das experiências dos sujeitos a partir do contexto em que foram vividas (GOLDENBERG, 2015). Inserida no referencial qualitativo de investigação, a Teoria Fundamentada nos Dados foi adotada nesse estudo. Do ponto de vista epistemológico, as diretrizes deste método direcionam a coleta e a análise dos dados para a produção de conceitos teóricos fundamentados na realidade estudada, evitando-se a adoção de hipóteses preconcebidas (CHARMAZ, 2009).

De acordo com os pressupostos da Teoria Fundamentada nos Dados, a equipe de pesquisa pode adotar conceitos sensibilizadores para fornecer um ponto de partida para a investigação. Estas ideias iniciais seriam construções provisórias para as incursões investigativas, maneiras preliminares de aproximação com o tema e formulação de perguntas. No decorrer da investigação, através de níveis sucessivos de análises, a equipe de pesquisa compara os dados emergentes e os conceitos iniciais e sensibilizadores, que podem ser descartados se forem irrelevantes (CHARMAZ, 2009; LYN; MORSEM, 2013). Uma das formas de lidar com as teorias já existentes seria a utilização da estratégia do agnosticismo teórico, que consiste no reconhecimento

de que os pesquisadores entram na investigação com conhecimentos prévios e disciplinares, mas sem o apego excessivo aos conceitos (PIDGEON; HENWOOD, 2004).

A equipe desta pesquisa, formada pelo docente coordenador do projeto e a estudante de iniciação científica, adotaram as premissas de que a supervisão poderia representar um espaço de reflexões teóricas que fundamenta a incursão na complexidade da realidade da instituição, bem como facilita trocas de informações e interações produtivas a partir das relações grupais estabelecidas. A equipe de pesquisa procurou estar aberta para outros significados sobre o espaço da supervisão que pudessem emergir, para além de possíveis aspectos potentes.

Na etapa de coleta de dados, o docente coordenador e a estudante de iniciação científica formularam um instrumento chamado de Relato de Supervisão com questões abertas a serem respondidas pelos participantes. Seria uma espécie de diário de campo direcionado para as reflexões sobre as experiências vividas na supervisão. Este instrumento consistia de uma folha impressa com perguntas e espaço para a escrita de respostas abertas. No final de cada supervisão, a pesquisadora entregava uma cópia para cada participante, explicando que estes poderiam levar o documento, preencher da forma como quisessem e trazer no próximo encontro de supervisão. A pesquisadora buscou deixar claro que o preenchimento do instrumento era opcional, que cada estudante não precisava responder necessariamente todas as perguntas e que não era necessário inserir o nome. A ideia era a de que o preenchimento fosse anônimo e voluntário, para garantir a autenticidade nas respostas e a livre participação. Os participantes assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Os relatos de supervisão foram coletados durante seis meses, no segundo semestre de 2017. No total, foram gerados 76 relatos. Os participantes respondentes consistiam de 09 estudantes do curso de Psicologia que cursavam o 8º período. As perguntas buscaram investigar sobre as experiências mobilizadas, se houve orientações relevantes, sobre as possíveis contribuições do supervisor e do grupo de supervisão, bem como os desafios e incômodos vividos na supervisão. Havia também um espaço para a escrita livre de comentários. As questões a serem respondidas foram as seguintes: (1) Fale sobre os sentimentos que a supervisão mobilizou em você hoje; (2) Quais os fatos importantes e significativos que a supervisão mobilizou em você hoje?; (3) Quais as orientações relevantes você recebeu hoje?; (4) Como esse espaço da supervisão ajuda na sua prática clínica?; (5) Houve incômodos e angústias experimentados hoje na supervisão? e (6) Como me sinto hoje nesse grupo de supervisão?

Os relatos de supervisão foram transcritos e digitados em arquivos de texto, constituindo-se no material que foi analisado. A partir do referencial qualitativo de pesquisa, os arquivos foram interpretados e codificados detalhadamente para a investigação das potencialidades, desafios e experiências vividos na supervisão.

Na etapa de análise de dados, a equipe de pesquisa se debruçou sobre o material construído, utilizando-se do procedimento de codificação. A codificação na Teoria Fundamentada nos Dados exige dedicação do pesquisador que deve comparar dados com dados. Codificar significa nomear segmentos de dados para descrever o sentido do que está sendo expresso (CHARMAZ, 2009).

A codificação inicial consiste em uma primeira etapa na qual busca-se nomear de forma mais livre os segmentos dos dados. A equipe de pesquisa buscou identificar trechos significativos dos relatos de supervisão, tentando construir uma frase breve que resumia analiticamente aquele segmento. Cada frase gerada representava um código. A codificação focalizada exige a tomada de decisão sobre os códigos iniciais mais adequados para a caracterização dos dados e possíveis novos códigos mais refinados, com melhor poder explicativo.

Os códigos gerados foram agrupados em famílias a partir de afinidades temáticas, gerando as categorias que representam os resultados da pesquisa. As categorias resultantes deste processo investigativo buscam retratar os significados da supervisão para a formação discente e para a incursão nas práticas institucionais. As categorias construídas foram: (1) Contribuições da supervisão para a formação e (2) A supervisão como espaço acolhedor e solidário. As categorias representam e condensam as reflexões e vivências dos estudantes sobre o espaço da supervisão. Estes achados serão descritos e discutidos a seguir.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Contribuições da supervisão para a formação

A supervisão constituiu-se como um espaço de formação e orientação tanto técnica quanto teórica, fundamentando a prática clínica dos plantonistas, promovendo as potencialidades dos supervisionando e contribuindo para o desenvolvimento profissional. Este espaço de aprendizagem de habilidades clínicas e de conquista de autoconfiança precisa ser permeado de acolhimento e liberdade como forma de facilitar estes processos.

De acordo com o material contido nos relatos, a supervisão representou um espaço com maiores possibilidades de desenvolver as potencialidades dos estudantes quando comparada com as aulas convencionais. Na supervisão o discente era mais ativo, relatando sua incursão nas práticas clínicas, com seus desafios e possibilidades de realização. A relação com os membros do grupo de supervisão foi percebida como gratificante e o estudo dos textos propostos tinha mais significado, na medida em que era possível perceber a conexão direta com a prática clínica. Configuração diversa da sala de aula, na qual o estudante permanece numa posição mais passiva. As supervisões em Psicologia demandam uma participação mais ativa do discente, rompendo com atitudes de absorção passiva do conhecimento, na busca incessante de que as reflexões sobre as incursões práticas sejam relevantes para seu percurso formativo (AGUIRRE *et al.*, 2000).

A supervisão não seria uma prática de formação neutra ou puramente técnica. Se considerarmos as supervisões como práticas políticas, nelas estariam presentes relações de poder entre supervisor e discente, determinadas concepções sobre o papel social da Psicologia no sentido de manutenção ou de transformação da ordem vigente, formas de relação com o usuário/cliente,

na promoção da autonomia ou fundamentada na tutela assistencialista (COIMBRA, 1989). Pensar a supervisão como prática política é pensar a implicação do trabalho da Psicologia e do posicionamento ético do supervisor, como aponta Coimbra (1989, p. 27): “Estamos com o nosso trabalho sustentando e reforçando o que nos cerca, ou pretendemos transformá-lo, colocá-lo em crise e fortalecer novos encontros e agenciamentos?”

O maior engajamento e interesse em participar da supervisão parece decorrer da potência que a prática da extensão, em conexão com problemas da sociedade, trouxe para os discentes do curso de Psicologia. A partir da nossa imersão no contexto institucional e comunitário, os estudantes estabeleceram um contato com sofrimentos que tinham ligação com a exclusão social. Geralmente, o enfoque nas formações em Psicologia é o indivíduo com seu sofrimento circunscrito em questões privadas e familiares (SILVA; CARVALHAES, 2016). O engajamento dos estudantes pode ter se dado a partir das possibilidades que o contato com pessoas excluídas fornece de perceber que a constituição das subjetividades não é um processo individual, mas ocorre em função das condições materiais, estruturais e simbólicas da sociedade (SOUZA, 2017). Os grupos populares constroem suas subjetividades a partir de condições materiais e simbólicas precárias, além de sentirem os efeitos da desqualificação que as classes incluídas lhes dirigem (BOCK, 2009). Portanto, a imersão na instituição parece ter contribuído para acrescentar conhecimentos que representam lacunas nas aulas da graduação.

O plantão psicológico representa uma via interessante para discentes e estagiários de Psicologia adquirirem experiência, pois esta prática amplia o conhecimento a respeito do espaço de escuta, compreendendo formas clínicas alternativas diferentes da psicoterapia. Os plantonistas podem ser tocados de modo singular pelos usuários/clientes atendidos. Por isso, a supervisão é um espaço de formação que compreende um olhar para a forma pela qual os plantonistas dão significado à experiência nas intervenções clínicas e no contato com pessoas das camadas populares (BRESCHIGLIARI; JAFELICE, 2015). A supervisão contribuiu para desenvolver o papel de psicólogo clínico, a partir das reflexões sobre formas singulares de intervenção para cada caso discutido. A diretriz era romper com padrões preestabelecidos e padronizados no contato com os usuários para a criação de ações singulares.

Os estudantes relataram que puderam refletir de modo crítico sobre a prática clínica, observar o que precisava ser aperfeiçoado em suas atuações e aprender sobre aspectos essenciais para a atuação clínica. Os estudantes perceberam o espaço de troca proporcionado pela supervisão como algo que possibilitou o desenvolvimento de sua autonomia como futuro profissional. Neste sentido, os discentes perceberam a importância de trabalhar de forma mais ampla a escuta clínica, para além da mera aplicação de técnicas. Os estudantes narraram que é importante buscar um fazer clínico mais horizontal, pensando nas relações de poder entre terapeuta e cliente. Ou seja, manter a hierarquia de poder na clínica é algo indesejável. Esta busca de uma certa horizontalidade é ainda mais necessária no trabalho com pessoas excluídas, que experimentam em seus cotidianos o sofrimento ético-político. Este tipo de sofrimento, que é muito mais vivido

pelas camadas populares, refere-se à dor de ser tratado como inferior e inútil, sem possibilidades de contribuir para a sociedade (SAWAIA, 2011). Além disso, na sociedade brasileira percebe-se um direcionamento de ódio e de desprezo aos sujeitos pobres, sendo um resquício da escravidão como instituição duradoura (SOUZA, 2017). Portanto, a escuta e o acolhimento são mais importantes do que a simples aplicação de técnicas, pois é necessário que se instale um clima de afeto e de respeito com este público que recebe da sociedade mensagens de rebaixamento. Dar voz ao sofrimento e às potências do cliente/usuário foi visto como algo fundamental.

A discussão sobre as práticas e os *feedbacks* dos membros do grupo mostrou-se como algo importante, ampliando as reflexões de cada plantonista, levantando aspectos antes impensados e auxiliando a compreender questões fundamentais. As trocas férteis que ocorriam no grupo representaram um aspecto importante para os plantonistas que estavam iniciando sua prática clínica. A supervisão contribuiu no desenvolvimento da experiência prática articulada ao conhecimento teórico, pois era possível esclarecer dúvidas, refletir sobre o que pode ser melhorado e pensar em novas possibilidades de intervenção. No início de sua participação no projeto de extensão, um dos plantonistas percebeu que possuía uma visão focada na patologia do usuário e este aspecto foi modificado após o contato com outros pontos de vista no grupo. Ele relata a importância deste aprendizado, pois promoveu uma mudança na forma como enxergava o usuário e na maneira como conduzia a escuta clínica. O fazer clássico da clínica psicológica, mais centrado nos processos psicopatológicos, pôde ser deslocado para um modo de fazer clínico que entende as manifestações dos sujeitos como modos de ser-no-mundo (LO BIANCO *et al.*, 1994).

A supervisão deve possibilitar ao supervisando desenvolver um raciocínio clínico autônomo (SEI; PAIVA, 2011). Carneiro, Caldas, Sampaio (2011, p. 156), complementam que na supervisão “a partir da expressão da sua própria experiência, o supervisionando pode começar a compreender a sua prática psicológica”. Nesse sentido, a supervisão é fundamental para o supervisionando, possibilitando que sejam feitas reflexões críticas sobre a própria atitude profissional, além de constituir-se como um espaço de discussão e desenvolvimento de novas formas de pensar os acontecimentos clínicos (OLIVEIRA-MONTEIRO; NUNES, 2008).

O fazer clínico demanda a construção da autoconfiança do estudante, para além do aprendizado teórico e técnico. As supervisões seriam espaços ricos e complexos de aprendizagem na medida em que se busca lidar com inseguranças, fomentando o fortalecimento dos discen-tes, apesar da inexperiência (AGUIRRE *et al.*, 2000). Através do espaço da supervisão, os estudantes percebiam suas capacidades como clínico mais desenvolvidas, consolidando aos poucos a crença de que podiam contribuir com os usuários que buscavam os plantões psicológicos. Uma estudante relatou que se sentiu muito motivada a continuar no projeto de extensão ao perceber nas supervisões os progressos dos demais participantes. Outros estudantes relataram, ainda, que passaram a se sentir capazes de contribuir com outros casos narrados na supervisão, compartilhando seus pontos de vista, fazendo perguntas e fornecendo orientações.

Portanto, os estudantes adotaram uma posição de alguém que poderia oferecer algo e não somente a posição de alguém que recebe orientações nas supervisões. Segundo Ximenes e Barreto (2018, p.77), a supervisão constitui-se como um espaço com a possibilidade de “encontrarmos as raízes de um pensar e agir mais próprio e atento às demandas que desafiam na atualidade o profissional de Psicologia”.

Portanto, de acordo com as reflexões sobre as experiências dos estudantes, pode-se concluir que a supervisão precisa se constituir como um espaço de acolhimento para que os sujeitos em formação se sintam livres para construir suas identidades profissionais. A sensação de ser capaz de realizar algo complexo, como o trabalho com a escuta do sofrimento, foi alcançada através da reflexão das práticas de si e dos outros. A integração teoria e prática através das atividades de extensão coloca o estudante numa postura mais ativa e comprometida com a própria formação. A supervisão se revelou como um espaço importante para se pensar e estudar sobre a produção das subjetividades de pessoas das classes populares, aspecto ainda pouco contemplado no currículo formal de graduação em Psicologia.

3.2 A supervisão como espaço acolhedor e solidário

Nessa categoria, são apresentadas as reflexões das experiências dos estudantes sobre a função do campo grupal nas supervisões. O desenvolvimento dos vínculos no grupo de supervisão foi percebido como via para o fortalecimento e para a construção do papel de psicólogo clínico. O grupo teve uma contribuição destacada na supervisão, constituindo-se como um espaço de suporte para as dificuldades vivenciadas na prática clínica. Na supervisão, o papel do supervisor e as contribuições dos demais membros do grupo foram aspectos valorizados pelos participantes que compõem este espaço. Quando não há uma coesão grupal, podem ocorrer desconfortos e falta de engajamento, interferindo no desenvolvimento fluido da supervisão.

De acordo com os relatos, a supervisão serviu como algo que fundamenta a prática clínica, um suporte desenvolvido através da relação com o supervisor e com todo o grupo. Além de receberem orientações quanto à atuação prática, houve uma intensa e produtiva troca de experiências, ideias e de sugestões. A supervisão foi percebida como um espaço solidário, em que há ajuda mútua entre os membros, constituindo-se como um ponto de apoio. Os estudantes sentiam que podiam se expressar sobre suas incertezas, inseguranças e dificuldades.

A posição do supervisor como alguém superior, que transmite orientações e supostamente fiscaliza tecnicamente as intervenções supervisionadas é algo que não sustenta as demandas de uma supervisão clínica. O que credencia alguém para ser supervisor é “sua abertura para o estranhamento, sua disponibilidade para suportar a disposição da angústia perante o não saber sobre o outro” (SÁ; JÚNIOR; LEITE, 2010, p. 137). A supervisão, neste sentido, pode ser um espaço no qual o supervisor busca facilitar para que o estudante reflita sobre sua própria existência, instaurando um clima de exame de si mesmo no contato com a prática clínica. No decorrer da análise dos dados, observou-se que a supervisão foi compreendida pelos participantes

como um espaço em que era possível refletir sobre as próprias questões pessoais, que podem ser semelhantes às questões do cliente. Ou pode ocorrer, pelo contrário, a constatação de que os mundos dos plantonistas e dos usuários são muito distintos, marcados pela divisão de classes sociais. A supervisão foi um espaço no qual buscou-se o afastamento de uma clínica corretiva, que conserta os desvios, para o contato sem tutela e assistencialismo com diversas formas de organizações subjetivas (HUNING; GUARESCHI, 2005). O que aproximava e o que distanciava plantonistas e usuários foram temas recorrentes. Os usuários sofrem muitas opressões e desprezos das classes incluídas que os plantonistas não vivem. Por outro lado, os plantonistas também se perceberam como segmento explorado na sociedade de classes, na medida em que a (o) psicóloga (o) é uma (um) trabalhadora (o) que vende sua força de trabalho. As angústias ao se alcançar uma maior clareza dos mecanismos injustos presentes na sociedade brasileira foram vivências significativas no contexto das supervisões.

Os estudantes definiram o grupo de supervisão como um espaço de amparo. Por exemplo, um estudante relatou que se sentia angustiado com um caso atendido. Ao narrar esta vivência na supervisão, percebeu que o grupo o escutou de forma ativa e interessada, proporcionando suporte e orientação que possibilitaram outras formas de lidar com os impasses. Foi descrito por alguns estudantes que ter esse espaço para compartilhar sobre as angústias que atravessam a prática clínica proporcionou um alívio significativo. Os plantonistas relataram que a ansiedade diminuía ao sentirem-se conectados e integrados ao grupo. Esse vínculo desenvolvido no grupo proporciona um bem-estar e uma sensação de liberdade e tranquilidade em participar de um espaço onde há respeito entre os membros. Além do acolhimento, foi vivenciada uma sensação de liberdade para se expressar. Uma plantonista relata: “Me sinto livre e essa liberdade vem do acolhimento que o grupo tem”.

Os participantes parecem se referir à ideia de coesão grupal. Vejamos como Yalom (2006) conceitua este processo:

Coesão é o resultado de todas as forças que agem sobre todos os membros, de maneira que permaneçam no grupo. Os membros de um grupo coeso sentem afeto, conforto e um sentido de pertencimento. Eles valorizam o grupo e sentem que são valorizados, aceitos e amparados pelos outros membros (Yalom, 2006, p. 62).

O supervisor e os membros do grupo precisam estar atentos ao clima de aceitação e conforto existente no grupo. A sensação de pertencimento vai resultar em participações mais ativas e, quanto mais ativos forem os participantes, maiores as chances de que eles possam construir e desenvolver a autoconfiança como futuros profissionais. É importante mencionar que, mesmo em grupos coesos, podem ocorrer incômodos e conflitos nos vínculos. Coesão grupal não quer dizer harmonia, mas uma sensação de pertencimento que pode até mesmo oferecer continência para a vivência de algum mal-estar entre os membros de um grupo. No caso do grupo da supervisão, os estudantes sentiram que havia liberdade e segurança para relatar suas incursões institucionais.

Nos relatos das supervisões, foi possível perceber que a universalidade se revelou no compartilhamento de sentimentos de angústia e insegurança ao lidarem com situações clínicas complexas. A universalidade é um fator terapêutico atuante nos grupos quando há a vivência de quebra da sensação de singularidade, com a constatação do compartilhamento de fragilidades e angústias (YALOM, 2006). Um dos plantonistas relatou em sua última participação que sentiria falta desse espaço, por ser um ambiente de vínculos significativos.

Diante dos desafios, os plantonistas vivenciaram sentimentos de impotência e de insegurança na prática clínica, seja por sentirem que suas intervenções não foram boas ou por duvidarem da própria capacidade. Essas experiências foram compartilhadas na supervisão e acolhidas pelo grupo. Mesmo com estas vivências de angústia, ter o espaço de fala na supervisão foi significativo. Os estudantes sentiram-se incluídos no grupo, com segurança e confiança para se expressarem num grupo que os escuta e respeita.

Os participantes relataram que a conduta cuidadosa do supervisor contribuiu para que eles se sentissem acolhidos na supervisão, com espaço para se expressarem, o que tornou a supervisão um espaço confortável e gerador de alívio. Segundo Oliveira-Monteiro e Nunes (2008), os supervisores amparam a insegurança dos estagiários/discentes, que são comuns nesse momento de transição de papéis, com o início de uma formação da identidade profissional. A qualidade da interação entre eles facilita os processos de assimilação de atributos profissionais necessários à diferenciação de papel de estudante para o de futuro profissional. A qualidade da interação com o supervisor facilita ao supervisionando assimilar os atributos profissionais cognitivos, afetivos, técnicos e éticos que são necessários para o papel de futuro profissional (SEI; PAIVA, 2011).

O supervisor, por meio de sua conduta com atitudes facilitadoras, contribuiu para o desenvolvimento do papel de clínico dos plantonistas. Ao relatar sobre as práticas clínicas, mesmo o supervisor não concordando com alguma intervenção, este orientava de maneira que o plantonista não se sentisse constrangido e incapaz. Essa conduta acolhedora do supervisor promoveu uma sensação de liberdade e conforto no grupo. O plantonista, ao sentir-se acolhido na supervisão, sentia também que poderia contribuir nesse espaço, expressando suas opiniões. Os estudantes relataram que este aspecto foi algo importante para desenvolverem-se tanto no âmbito acadêmico, quanto no nível pessoal. De acordo com Sei e Paiva (2011), o supervisor e os membros do grupo de supervisão podem contribuir para o acolhimento e compreensão do que foi vivenciado durante os atendimentos.

Por mais que se adote uma maneira não autoritária de relação na supervisão, é interessante que se reflita sobre a relação de poder existente, evitando-se concepções de que o supervisor e estudantes seriam “iguais” (COIMBRA, 1989). No lugar de quem tem mais experiência profissional e de mediador do conhecimento, o supervisor pode ser idealizado, processo que pode dificultar a exposição das inseguranças dos discentes ou a inibição de alguma visão crítica da atuação do supervisor. No caso da presente pesquisa, esta idealização apontada pela literatura especializada pode ter impedido que os discentes manifestassem possíveis críticas ao trabalho do supervisor, permanecendo em foco os aspectos positivos.

A qualidade da relação com o grupo da supervisão também foi um fator importante, para além da relação com o supervisor. Houve uma boa convivência entre os integrantes da supervisão, o que fez com que os plantonistas se sentissem confortáveis para compartilhar o que pensavam sobre os casos, suas propostas de intervenções, bem como sobre como se sentiram nas práticas. Os estudantes se sentiram potentes e capazes quando relatavam as escutas clínicas e recebiam um retorno de que as intervenções e a condução foram adequadas e produtivas. Por outro lado, houve situações nas quais o estudante relatava uma sensação de malogro em determinado trabalho clínico. Nestes casos, os membros do grupo e o supervisor buscavam contribuir para resgatar a sensação de capacidade ao proporcionarem uma visão diversa do que ocorreu, abrindo novas formas de percepção e novas possibilidades de leitura do caso. Neste sentido, a supervisão serviu como um espaço de ressignificação das intervenções ao ampliar o pensamento do plantonista e dar um novo significado sobre as práticas realizadas. Estes achados corroboram que, de forma geral, a supervisão em Psicologia é bem avaliada por supervisores e discentes como um importante cenário de formação (OLIVEIRA *et al.*, 2014).

Portanto, o grupo de supervisão com seus vínculos contribuiu para a prática clínica no compartilhamento de ideias, observações e interpretações, colaborando para o alcance de uma escuta de qualidade para os usuários do projeto de extensão. O cuidado e o respeito do grupo contribuíram para a construção de vínculos significativos e de um ambiente acolhedor. Isto proporcionou segurança para narrar as práticas clínicas e as próprias inseguranças e angústias. Um grupo de supervisão, portanto, transcende os aspectos teóricos e técnicos de orientação, demandando um espaço de confiança e envolvimento afetivo. Neste sentido, demanda que o supervisor cuide das relações do grupo, cultivando a coesão grupal.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os novos desenhos de atuação profissional convocam os cursos de Psicologia a pensarem novas metodologias e adotarem estudos e práticas que contribuam para uma formação que atenda demandas diversificadas e que tenha um olhar para a realidade social brasileira (CAMPOS; DALTRO, 2015). Neste sentido, as supervisões em Psicologia podem ser espaços formativos importantes que respaldem a ampliação da atuação da (o) psicóloga (o) em contextos diversos. Como espaço rico e complexo, a supervisão pode ser um contexto de aprendizagem em que estudantes e professores reflitam sobre a implicação política da Psicologia. As práticas psicológicas que fazemos contribuem para a manutenção e reforço da ordem vigente ou buscam a visão crítica que desconstrói para a construção de novos arranjos (COIMBRA, 1989)? A atuação da Psicologia pode reforçar os sistemas de produção de subjetividade dominante ou pode contribuir para processos de diferenciação e de reapropriação de subjetividades que escapam aos padrões vigentes (GUATTARI; ROLNIK, 1993).

O mapeamento das possíveis contribuições do espaço da supervisão para a realização dos atendimentos do tipo plantão psicológico resultou num percurso de construção de dados que mostraram o espaço da supervisão como lugar de circulação de potências e o importante papel do grupo e dos vínculos desenvolvidos. A supervisão visa não somente a formação técnica do plantonista, mas procura também desenvolver atitudes, autonomia e um posicionamento crítico do fazer clínico. A supervisão proporcionou um espaço de escuta para além dos relatos dos atendimentos, representou um fazer construído em grupo, no desenvolvimento de vínculos. Foi um espaço de promoção das potencialidades, de desenvolvimento profissional e pessoal.

Sentimentos de incapacidade e impotência podem ocorrer no contato com as práticas, sendo percebidos como inerentes à clínica psicológica. No entanto, estas vivências podem ser ressignificadas a partir da interação com o grupo de supervisão que estimula outras formas de pensar o atendimento e a atuação singular do estudante, colaborando para o resgate da sensação de capacidade. O espaço da supervisão de práticas psicológicas, portanto, precisa se configurar como um espaço de acolhimento e de promoção de potências. Este espaço solidário revela-se como fundamental para dar sustentação aos contatos com populações periféricas. O contato com condições precárias de vida precisa ser bem refletido para não resultar em ações de tutela ou assistencialistas (PAULON; ROMAGNOLI, 2018). Além disso, tornam-se necessárias a problematização e a contextualização sobre as condições materiais e simbólicas nas quais os sujeitos das camadas populares constroem seus modos de vida (BOCK, 2009).

O estudo tem algumas limitações a serem mencionadas. A relação dos discentes com o supervisor pode ter sido um fator restritivo nas respostas. Ou seja, uma certa idealização da figura do supervisor como alguém que teria não somente experiências profissionais mais consolidadas, mas que seria portador de uma visão superior da teoria e da prática, pode ter inibido possíveis críticas em relação ao supervisor ou ao espaço da supervisão. Outro fator importante é que a coleta de dados se deu durante a realização do projeto, nos intervalos entre as supervisões. Por um lado, este fator pode ter garantido que a experiência estivesse mais facilmente acessível. Por outro lado, a possibilidade da coleta de dados ser realizada após a finalização do projeto de pesquisa poderia revelar outras informações. Indicam-se futuras pesquisas que possam investigar os significados da supervisão de forma mais distanciada da experiência.

Finalmente, ressaltamos a importância de uma supervisão que ultrapasse a mera orientação técnica e teórica, através da escuta sobre as dificuldades e inseguranças vivenciadas na prática clínica, além das reflexões sobre os aspectos políticos da atuação da Psicologia. A importância do grupo e dos vínculos foi ressaltada, para além da influência exclusiva da figura do supervisor. Os lugares de saber e não saber, de supervisor e estudantes, não estiveram rigidamente delineados, com uma circulação de potências no grupo. Por fim, são necessárias novas reflexões e pesquisas sobre supervisão que contemplem as formas emergentes de Psicologia Clínica, como é o caso do plantão psicológico.

5. REFERÊNCIAS

- AGUIRRE, A. M. de B.; HERZBERG, E.; PINTO, E. B.; BECKER, E.; SILVA CARMO, H. M.; SANTIAGO, M. D. E. A formação da atitude clínica no estagiário de psicologia. **Psicologia USP**, v. 11, n. 1, p. 49-62, 2000.
- BOCK, A. M. B. A. Dimensão Subjetiva da Desigualdade Social: um estudo na cidade de São Paulo. In: XV ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO DE PSICOLOGIA SOCIAL, 15., 2009, São Paulo. **Anais eletrônicos**, Porto Alegre: ABRAPSO, 2009. p. 01-07.
- BRESCHIGLIARI, J. O.; JAFELICE, G. T. Plantão psicológico: Ficções e Reflexões. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 35, n. 1, p. 225-237, 2015.
- CAMPOS, A. F.; DALTRO, M. A clínica ampliada no enfoque da Gestalt-terapia - um relato e experiência em supervisão de estágio. **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde**, v. 4, n. 1, p. 59-68, 2015.
- CARNEIRO, V. T.; CALDAS, M. T.; SAMPAIO, S. M. R. O conhecimento tácito e a supervisão na formação do psicólogo. **Psicologia em Revista**, v. 17, n.1, p. 146-160, 2011
- CHARMAZ, K. **A construção da teoria fundamentada: guia prático para análise qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- COIMBRA, C. M. B. A supervisão institucional como intervenção sócio-analítica. **Psicologia Ciência e Profissão**, v. 9, n. 1, p. 26-28, 1989.
- FIGUEIREDO, A. C. M. R.; CAIRES, S. M. G. F.; MARTINS, C. C. E.; RAMALHO, V. L. M. Supervisão: estilos, satisfação e sintomas depressivos em estagiários de psicologia. **Psico-USF**, v. 12, n. 2, p. 239-248, 2007.
- FURIGO, R. C. P. L., SAMPEDRO, K. M., ZANELATO, L. S., FOLONI, R. F., BALLALAI, R. C.; ORMROD, T. Plantão psicológico: uma prática que se consolida. **Boletim de Psicologia**, v. 58, n. 129, p. 185-192, 2008.
- HUNING S.; GUARESCHI, N. Problematizações das práticas psi: Articulações com o pensamento foucaultiano. *Athenea Digital*, v. 8, n. 1, p. 95-108, 2005.
- GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais**. 14º ed. Rio de Janeiro: Record, 2015.
- GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.
- LO BIANCO, A. C.; BASTOS, A. V. B.; NUNES, M. L. T.; da SILVA, R. C. Concepções e atividades emergentes na Psicologia Clínica: implicações para a formação. In: R. Achcar (org.), **Psicólogo Brasileiro: práticas emergentes e desafios para a formação** (p. 17-100). São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994.

LYN, R; MORSE, J. M. **Readme First for a user's guide to Qualitative Methods**. Los Angeles: Sage Publications, 2013.

MAHFOUD, M. (org). **Plantão psicológico: novos horizontes**. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2012.

MOREIRA, J. O.; ROMAGNOLI, R. C.; NEVES, E. de O. O surgimento da clínica psicológica: da prática curativa aos dispositivos de promoção da saúde. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 27, n. 4, p. 608-621, 2007.

NOSSO LAR- CASA DE APOIO DE JATAÍ-GO. **Estatuto social do Nosso Lar – Casa de Apoio**. Material impresso. 2008.

OLIVEIRA, M. S.; PEREIRA, R. F.; PEIXOTO, A. C. A.; ROCHA, M. M da; OLIVEIRA-MONTEIRO, N. R.; MACEDO, M. M. K; SILVARES, E. F. de M. Supervisão em Serviços-Escola de Psicologia no Brasil: Perspectivas dos Supervisores e Estagiários. **Psico**, v. 45, n. 2, p. e1-e9, 2014.

OLIVEIRA-MONTEIRO, N. R; NUNES, M. L. T. Supervisor de Psicologia Clínica: Um Professor Idealizado? **Psico-USF**, v. 13, n. 2, p. 287-296, 2008.

PAULON, S. M.; ROMAGNOLI, R. C. Quando a Vulnerabilidade se faz Potência. **Interação em Psicologia**, v. 22, n. 3, p. 178-187, 2018.

PIDGGEON, N.; HENWOOD, K. Grounded Theory. In: A, Bryman; M. A, Hardy. **Handbook of data analysis** (p.625-648). London: Sage Publications, 2009.

SÁ, R. N.; JUNIOR, O. A.; LEITE, T. L. Reflexões fenomenológicas sobre a experiência de estágio e supervisão clínica em um serviço de psicologia aplicada universitário. **Revista da Abordagem Gestáltica**, v. 16, n. 2, p. 135-140, 2010.

SAWAIA, B. (org). **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. Petrópolis: Vozes, 2011.

SCORSOLINI-COMIN, F. Plantão psicológico e o cuidado na urgência: panorama de pesquisas e intervenções. **Psico-USF**, v. 20, n. 1, p. 163-173, 2015.

SEI, M. B.; PAIVA, M. L. S. C. Grupo de Supervisão em Psicologia e a Função de Holding do Supervisor. **Psicologia: Ensino & Formação**, v. 2, n. 1, p. 9-19, 2011.

SILVA, R. B.; CARVALHAES, F. F. Psicologia e políticas públicas: Impasses e reinvenções. **Psicologia e Sociedade**, v. 28, n. 2, p. 247-256, 2016.

SOUZA, J. **A elite do atraso: da escravidão à Lava Jato**. Rio de Janeiro: Leya, 2017.

VIEIRA, É. D. Novas direções para o plantão psicológico: o psicodrama como referencial. **Revista Brasileira de Psicodrama**, v. 27, n. 2, p. 199-211, 2019.

VIEIRA, E. M.; BORIS, G. D. J. B. O plantão psicológico como possibilidade de interlocução da psicologia clínica com as políticas públicas. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 12, n. 3, p. 883-896, 2012.

XIMENES, C. M. A.; BARRETO, C. L. B. T. Supervisão Clínica em Psicologia no Contexto de Clínica-Escola no Brasil. **Perspectivas em Psicologia**, v. 22, n. 1, p. 67-81, 2018.

YALOM, I. **Psicoterapia de grupo**. Porto Alegre: Artmed, 2006.